

LIVROS CICLO DE CONVERSAS PROIBIDOS

19 MAR
2014



Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley

GUIÃO DE LEITURA

Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação
Auditório da Biblioteca Municipal de Oeiras

INTRODUÇÃO

Em Março daremos continuidade ao projeto **Livros Proibidos** com a obra *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley. Este romance publicado em 1932 tornar-se-ia um dos mais extraordinários sucessos literários nas décadas seguintes. O livro descreve uma sociedade futura alicerçada no progresso científico e material. Uma metáfora que retrata a era da técnica, desumanizada, sem lugar para a subjetividade que incluía emoções ou família. Velhice, decadência ou morte. A reprodução humana em laboratório e respetiva manipulação genética permite a classificação de uma sociedade dividida em castas. Indivíduos padronizados que se convertem em bens de consumo. Corpos perfeitos, jovens, mediatizados e socialmente integrados, convivendo com proibições generalizadas, entre as quais, a leitura! Anos mais tarde o sociólogo Jean Baudrillard aprofundará a discussão deste simulacro da sociedade pós-moderna. Um ambiente caracterizado pelo desaparecimento das ideologias, pelo excesso e a rapidez das informações, pela confusão entre o real e o imaginário e pela falta de limites.

Na utopia negativa descrita no livro, o Homem foi subjugado pelas suas invenções. A ciência, a tecnologia e a organização social deixaram de estar ao serviço do homem. É uma visão literária de uma das muitas formas de totalitarismo, a tecnológica, que irá assombrar o século XX. A ausência de emoções e de subjetividade, com a consequente erradicação do amor, da família ou qualquer tipo de afeto, a defesa de uma sexualidade aberta e sem preconceitos, a apologia do belo e da eterna juventude, levou a que este livro fosse banido de inúmeras Bibliotecas tanto dos EUA como na Irlanda, logo a seguir à sua publicação.

Uma visão do futuro pelo olhar de João Lobo Antunes. A moderação é de Ricardo Costa.

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O CONFERENCISTA

João Lobo Antunes, é um médico português nascido a 4 de junho de 1944, em Lisboa, tornou-se um dos maiores especialistas mundiais em neurocirurgia.

Licenciou-se em Medicina em 1968, na Universidade de Lisboa, e três anos depois, graças a uma bolsa de estudo, mudou-se para os Estados Unidos da América, onde acabou por permanecer durante 13 anos. Aqui, mais precisamente em Nova Iorque, trabalhou no Departamento de Neurocirurgia da Universidade de Columbia, onde viria a ser nomeado professor associado de neurocirurgia.

Entretanto, em 1983 João Lobo Antunes doutorou-se em Medicina pela Universidade de Lisboa. Nesse ano, foi o primeiro médico a implantar um olho eletrónico num invisual. No ano seguinte, regressou a Portugal na qualidade de professor catedrático de neurocirurgia da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Em 1990 Lobo Antunes foi nomeado vice-presidente para a Europa da Federação Mundial das Sociedades de Neurocirurgia e, nove anos mais tarde, chegou a presidente da Sociedade Europeia de Neurocirurgia, cargo que desempenhou durante quatro anos.

Entre 1996 e 2003 presidiu ao Conselho Científico da Faculdade de Medicina de Lisboa. Entretanto, em 2000 havia presidido à Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e, no ano seguinte, fora professor convidado da Universidade de Pequim, na China. Em 2006 assumiu a presidência da Academia Portuguesa de Medicina. Integra ainda o Conselho Consultivo da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida.

João Lobo Antunes assinou mais de uma centena de artigos científicos e editou coletâneas de ensaios como *Um Modo de Ser*, *Numa Cidade Feliz*, *Memória de Nova Iorque e Outros Ensaios*, *Sobre a Mão e Outros Ensaios*, *O Eco Silencioso*, *Inquietação Interminável*, *Egas Moniz – Uma Biografia*, *A Nova Medicina* – Fundação Francisco Manuel dos Santos, Relógio d'Água Editores e *Anatomia Arte & Ciência*. *Desenhos da Coleção do Museu de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa* - Fundação Champalimaud, Museu da FML, Althum.com

Em 1996 João Lobo Antunes foi distinguido com o prestigiado Prémio Pessoa, uma iniciativa conjunta do jornal *Expresso* e da empresa Unysis, e em 2004 foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. Em 1969 havia ganho o Prémio Pfizer de Investigação.

PRÉMIO PFIZER, 1969

Prémio Sandoz, 1970

Prémio Pessoa, 1996

Neurobionik Award – Hannover, 2004.

Medalha de Honra da European Association of Neurosurgical Societies, 2007

Prémio Rotary “Professional Liberal”, 2007/2008

Prémio da Academia Pedro Hispano, 2009

Prémio Nunes Corrêa Verdades de Faria, 2012

Prémio Universidade de Lisboa, 2013

Condecorações

Medalha de honra do Concelho de Cascais, 2001

Medalha de ouro de mérito do Ministério da Saúde, 2003

Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, 2004

Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras

ANTUNES, João Lobo – *Inquietação interminável: ensaios sobre a ética das ciências da vida*. pref. OSWALD, Walter. Lisboa: Gradiva, 2010. 271 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: MED MED ANT

ANTUNES, João Lobo – *Egas Moniz – uma biografia*. Lisboa: Gradiva, 2010. 374 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: MED MED ANT

ANTUNES, João Lobo – *Um modo de ser: ensaios*. Lisboa: Gradiva, 2003. 203 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés

Cota: MED MED ANT

ANTUNES, João Lobo – *Memória de Nova Iorque e outros ensaios*. Lisboa: Gradiva, 2002. 267 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: OUT-GEN OUT-GEN-PORT ANT

ANTUNES, João Lobo – *Numa cidade feliz*. Lisboa: Gradiva, 2000. 262 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: OUT-GEN OUT-GEN-PORT ANT

ANTUNES, João Lobo – *Numa cidade feliz*. Lisboa: Gradiva, 1999. 262 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés e Carnaxide

Cota: OUT-GEN OUT-GEN-PORT ANT

ANTUNES, João Lobo – *Um modo de ser: ensaios*. Lisboa: Gradiva, 1997. 203 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: MED MED ANT; DEP 15986

Colaborações:

PASSOS, Adelaide – *O céu pode esperar: a esperança existe, os milagres acontecem*.

pref. ANTUNES, João Lobo. [Lisboa]: Marcador, 2011. 278 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: S&B DOE PAS

PAISANA, António; ALMEIDA, Salvador Mendes de – *Salvador: ser feliz assim*. pref.

ANTUNES, João Lobo. Carnaxide: Livros do Brasil, 2007. 113 p.

Local: Espaço Jovem Outurela; Espaço Jovem de Oeiras; Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: OUT-GEN OUT-GEN-PORT ALM

FERREIRA, Carlos; OLIVA, Filipe; REINO, Vítor (org., int. e notas) - *Mãos que leem: testemunhos a Louis Braille*. pref. ANTUNES, João Lobo. Lisboa: Comissão de Braille, 2003. 119 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DIR-CID DEF MAO

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O MODERADOR

Ricardo Costa nasceu em Lisboa em 1968. Filho do grande escritor e poeta Orlando da Costa. É um jornalista e comentador que dispensa apresentações. Frequentou a licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa. Atual Diretor do Semanário Expresso desde 2011. Anteriormente foi diretor da televisão SIC Notícias, estação onde continua a apresentar, juntamente com Nicolau Santos, *Expresso da Meia-Noite*, um dos programas mais prestigiados e com mais audiência daquela estação televisiva.

Recentemente, em 2013, publicou *Portugal – Manual de Instruções*, pela Livros d' Hoje. Este Manual de Instruções indica três dúzias de ideias, defeitos, hábitos e manias políticas que ajudaram a bloquear um país inteiro. Não é um manual para encontrar culpados nem para fazer contas, mas serve para perceber como alguns acasos e outras tantas teimosias nos levaram a um beco sem saída, do qual só podemos sair com um conjunto de alterações muito sérias, nos discursos e nas práticas de eleitores e eleitos. Os 36 textos que compõem o livro são quase todos originais. É ainda autor e prefaciador de outras obras.

Exerce ainda atividade como comentador, sendo convidado como orador em inúmeros programas e iniciativas.

Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras

COSTA, Ricardo; CARREIRA, Medina - *O dever da verdade*. pref. LEITE, Manuela Ferreira. Lisboa: Dom Quixote, 2007. 135 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide

Cota: PEN-POL POL CAR

Colaborações:

CAMACHO, Paulo - *Debaixo de fogo*. pref. COSTA, Ricardo. Alfragide: Oficina do Livro, 2012. 269 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: PEN-POL POL-INT CAM

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O AUTOR

Aldous Huxley (1894 - 1963)

Muitos prodígios há; porém nenhum maior do que o homem.
SÓFOCLES - *Antígona*. *Ode ao Homem* vv. 332 – 333.¹

Aldous Huxley nasceu em *Godalming, Surrey*, a 26 de Julho de 1894, biólogo e importante ensaísta científico e livre-pensador. Neto de Thomas H. Huxley (1825-1895), médico de renome e grande defensor da teoria evolucionista de Charles Darwin, tendo inclusive desenvolvido o termo agnóstico (negação da possibilidade de dar soluções a todas as questões que não podem ser entendidas por uma perspetiva científica, especialmente as questões relacionadas com a metafísica e a religião). Esteve sempre cercado pela ciência, chegando até mesmo a trabalhar na pesquisa científica. Contudo, seria atingido aos 16 anos por uma doença nos olhos que o impediu de prosseguir na carreira. Perdeu completamente a visão por algum tempo conseguindo posteriormente recuperá-la parcialmente.

Consequentemente acabou por se dedicar à literatura. Realizou os seus estudos em Eton e Oxford onde se formou em Letras em 1916. Em 1921 publicou o seu primeiro romance, *Crome Yellow*, uma combinação de cinismo e crítica social. Em 1927 realizaria uma viagem à Índia, ficando impressionado pela simbologia e mística do Oriente. Publicou, então, mais um livro intitulado *Point Counter Point*.

Foi colaborador permanente de *The Athenaeum*, sob a direção de John Middleton Murry. O nosso autor viveu (de 1923 a 1930) em Itália. É também conhecida a sua ligação ao escritor a D. H. Lawrence cuja correspondência chegará a editar (1932).

É um autor que possui tal como Maugham, uma popularidade sem precedentes entre os modernistas. A sua obra é vasta, composta por ficção, crítica, ensaio, história, filosofia, poesia, etc., em mais de quarenta títulos.

Tal como já foi referido anteriormente, a sua vida ficará definitivamente ensombrada pelo risco de cegueira, uma ameaça com avanços e retrocessos que sempre pesou sobre ele. Para

¹ SÓFOCLES. *Antígona*. int., versão do grego e notas PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992. p. 24.

além das naturais circunstâncias históricas da sua obra e das correntes estéticas e literárias que o influenciaram, talvez esta limitação tenha alimentado, seguramente, uma perspetiva visionária, consubstanciada no seu horror do cientismo moderno (que caricaturou *nesse mundo futuro*).

Em grande medida, Aldous Huxley é um romancista de transição, pois preludiu a preocupação pelos temas políticos e sociais, ao mesmo tempo que representou magnificamente um romance relativamente atento às possibilidades da nova narrativa na literatura com a publicação de uma série de poemas na antologia *Wheels*, de Edith Stilwell, protetora dos vanguardistas britânicos.²

Nessa medida, Huxley deve o lugar que ocupa entre os seus contemporâneos ao género narrativo, no qual se destaca como um dos romancistas mais interessados por temas antropológicos, fundamentalmente pela história das culturas e das civilizações. A sua obra mais popular *Admirável Mundo Novo* responde inequivocamente a essas características, a que agora podemos somar a de um sentido de humor inteligente e cultista. Esta obra faz a caricatura de um mundo futuro, onde o excesso de tecnologia conduz à alienação, ou seja, uma utopia negativa, uma distopia.³ O *Admirável Mundo Novo* que Huxley nos descreve está desumanizado ao ponto de não existir qualquer emoção: em troca da eliminação, pela ciência, da dor e da injustiça, teve de se pagar preço da renúncia a qualquer sentimento, para o qual deixou de existir lugar. Da obra anterior à Segunda Guerra Mundial devemos destacar igualmente *Point Counter Point* de 1928, que é formalmente, de longe, o mais conseguido dos seus romances e, sem dúvida, indispensável ao panorama do romance inglês da primeira metade do século XX. Quase totalmente carente de ação, *Contraponto* é um romance discursivo e de tom reflexivo que, embora dominado pela frustração, deixa lugar para a esperança em relações humanas mais verdadeiras; erudição, inteligência, ironia e ternura vão a par neste romance, por onde desfilam personagens banais e cujos mexericos e indiscrições nos dão a sensação de uma vida convencional e de pouco valor.

² Edith Sitwell (1887-1964), poetisa que no Reino Unido personifica como ninguém a cultura e as artes vanguardistas e cujo experimentalismo chegou a graus de radicalismo não alcançados por outros compatriotas. Inicialmente, a sua obra aproximou-se do Futurismo e do Cubismo, período de que datam seis antologias cujo título *Rodas (Wheels, 1916-1921)* se deve ao seu frio ânimo maquinista.

³ Recorde-se que o tema do mundo utópico foi tradicionalmente muito querido pela prosa inglesa.

A partir do momento que Huxley estabeleceu residência nos Estados Unidos, a sua obra tornou-se muito mais pessimista. Segundo ele, só existem duas soluções para que a civilização contemporânea possa sair do caminho por onde enveredou: uma seria a destruição, para a qual a humanidade parecia dirigir-se a passos largos; outra, a redenção, através do misticismo religioso que Huxley pareceu aspirar nos últimos anos de vida. Como resultado destas duas crenças surgiram as obras *Ape an Essence* de 1949, paisagem desoladora do mundo após uma guerra nuclear, e *The Island* de 1962, relato de ficção onde o totalitarismo se apresenta como negação de toda a felicidade humana possível.

Uma referência, ainda, para os ensaios de *Brave New World Revisited*, de 1959, cuja escrita e reflexão revela uma postura serena em relação às profecias do seu romance satírico-utópico. Um período diferente do seu percurso literário.

Homem da ciência, homem de muitos rostos, espírito errante. De utopista, profeta e romancista através da sua sátira, da desilusão dos anos 20 e da popularidade mundial, eis o que resumiria a vida e obra de Huxley.

Obras Publicadas:

Limbo, 1920 (contos);

Crome Yellow, 1921 (romance);

Antic Hay, 1923 (romance);

Two or Three Graces, 1926, (contos)

Point Counter Point, 1928, (romance)

Brave New World, 1932, (romance);

Eyeless in Gaza, 1936, (romance);

Ends and Means, 1937, (ensaio);

After Many Summers, 1939 (romance);

Grey Eminence, 1941, (biografia);

The Art of Seeing, 1943 (ensaio);

Time must have a stop, 1945, (romance);

The Perennia Philosophy, 1946, (ensaio);

Ape and Essence, 1949, (romance);

The Devils of Loudun, 1952, (romance);

The Doors of Perception, 1954, (ensaaios);

Heaven and Hell, 1956, (ensaaios);

Brave New World Revisited, 1959, (ensaaios);

Island, 1962, (romance);

The Human Situation, 1978 (ensaaios).

Admirável Mundo Novo

A trágica condição do Homem Edipiano

A mim mesmo me procurei...

Heraclito

Ao longo dos tempos o homem sempre utilizou determinados géneros literários (de que a utopia faz parte) para falar da sua existência e o seu estar no mundo de forma metafórica. O discurso e a rede narrativa do autor da tragédia ou da comédia é um desses exemplos. Certamente que as histórias, os mitos que a tragédia narra não postulam um tipo de racionalidade comparável ao discurso científico. Contudo, será que a verdade científica é toda a verdade? Apesar da invasão racional que ocorreu em todos os domínios da vida humana, esta continuará a apresentar zonas inacessíveis de enigma. Todos os mitos pretendem, unicamente, dar conta dessa dimensão do real que não se esgota numa mera função explicativa.⁴

Ora, essa é também a função da utopia que significa precisamente o *não lugar*. Nesse sentido, é uma quimera, uma construção puramente imaginária sendo que a sua realização está, à partida, fora do nosso alcance. No entanto, e paradoxalmente, parece que o autor que criou a palavra, Thomas More em 1516, teve como ambição alargar o campo do *possível* e explorar os *seus caminhos*. A utopia é, nesta perspetiva, não só o *não lugar*, mas, também, um horizonte de possibilidades que é, ao mesmo tempo, fôlego para o a-fazer permanente.

Uma das histórias mais paradigmáticas de sempre que fala dessa dimensão ambígua do conhecimento (simultaneamente salvífica e destruidora) é o célebre mito do *Rei Édipo*, de Sófocles. Na narrativa trágica sofocliana está presente uma racionalidade profunda e

⁴ (...) *Alguma coisa nos diz que o mito não se esgota na sua função explicativa, que não é somente uma maneira pré-científica de procurar as causas e que a própria função de efabulação tem um valor premonitório e exploratório em relação a certa dimensão da verdade que não se identifica com a verdade científica. Parece que o mito exprime uma capacidade de imaginação e de representação de que nada se disse ainda, visto que nos limitamos a classificar essa capacidade de "mestra do erro" e da falsidade. Os grandes filósofos chamassem-se Kant, Schelling, Hegel, Bergson ou Heidegger tiveram todos de se haver com este poder de imaginação (...). (...) O que está em jogo não é somente o estatuto do mito, mas o da própria verdade com a qual nos propomos medi-lo. A questão é, finalmente, saber se a verdade científica é toda a verdade, ou se alguma coisa é dita pelo mito que não poderia ser dita de outra forma.* RICOEUR, Paul – *A Interpretação Filosófica*. Lisboa: Gradiva, 1988. pp 9-10.

inconsciente que se traduz pelo facto de o universo não ser caótico e “irracional”, mas, pelo contrário, possuir um *logos*. Este *logos* universal presente no mundo físico estende-se, igualmente, aos assuntos humanos constituindo-se como um equilíbrio, como um padrão, uma *ratio* que os homens não conseguem ver, a não ser de modo imperfeito e limitado. O mito do *Rei Édipo* condensa o sentido da trágica condição humana. Dentro do limite do seu universo gnosiológico o homem encontra-se condicionado: opta na cegueira da sua ignorância pelo caminho que o leva a ruína pensando dela fugir. Édipo ao afastar-se de Corinto, não o faz por impiedade orgulhosa de quem quer ser superior aos oráculos ou quer lutar contra o destino; fá-lo afastando de si toda a responsabilidade de um parricídio ou um incesto conscientes.

Édipo, Rei salvador e senhor da cidade (no esplendor da sua fama e da graça dos deuses) vai sendo progressivamente arrancado dessa existência até ao confronto com a revelação do seu ser (como assassino do pai e amante da mãe). Com a paixão de quem está convicto do seu esplendor empenha-se em descobrir o mistério da sua identidade. É o desejo de saber que o move (que manifesta o seu desejo de autonomia), a paixão de desvendar o ser das coisas.

*Na poesia “num azul amável floresce” Hölderlin diz estas palavras videntes: o Rei Édipo talvez tenha um olho a mais. Esse olho é a condição fundamental de toda a grande investigação, de todo o saber e também o seu único fundamento metafísico. Essa paixão constitui todo o saber e toda a ciência dos Gregos.*⁵

Não cabe no presente texto uma análise mais demorada deste mito fundador da natureza do conhecimento e de Édipo como o símbolo do sujeito apolíneo que se autonomiza e avança no caminho do saber. Édipo⁶ é não só aquele que responde ao enigma da Esfinge (proeza nunca

⁵ HEIDEGGER, Martin – *Introdução à Metafísica*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1987. pp. 132-133

⁶ Esta ideia de libertação, de Édipo procurar afirmar-se como sujeito autónomo é também a conclusão que Lévi-Strauss retira através da sua análise estrutural. A chave de compreensão do mito tem a ver com o sentido etimológico da palavra Édipo (que significa “pé inchado”). O que Lévi Strauss verifica é que na história de Édipo existem várias figuras que “coxeiam”, ou seja, exibem uma dificuldade em caminhar a direito. Para Lévi-Strauss este “coxear” (não só de Édipo, mas de todos os personagens presentes na sua história) refletiria a tensão e o conflito em, por um lado, o ser-humano querer libertar-se da natureza e, por outro lado, essa libertação ser impossível. A leitura que Lévi-Strauss faz desse mito baseia-se num modelo de nascimento do homem (presente no pensamento grego arcaico) como filho da natureza. O modelo típico de homem é, deste modo, um modelo de homem vegetal, o homem preso à “terra” que lhe deu origem. Ora a significação última da atitude de Édipo, como homem que consegue decifrar enigmas, seria a tentativa de destronar a natureza e libertar-se dela, testemunharia o início de um processo de autonomização radical e subversivo. Lévi-Strauss refere-se a este processo de autonomização, de

antes realizada por um humano), como é também o *Rei Sophos*, o filósofo não iniciado, aquele que em virtude de si mesmo e pela sua própria reflexão pode descobrir a verdade. Simboliza, em última análise, o nascimento do indivíduo e da insurreição do sujeito, da paixão do saber por si mesmo. O que constitui o excesso edípiano é que a sua ambição legítima de saber transforma-se num desejo individual desmesurado, numa enfatização do eu que não se submete a nenhuma purificação iniciática. Édipo é a imagem da inteligência iluminada, o espírito subversivo e indomável, o livre-pensador que pela luz que pretende lançar sobre todas as coisas (e fundamentalmente sobre si-mesmo) incorre na falta de exceder os limites do seu universo gnosiológico. A aspiração de aceder um plano imutável, para lá das vicissitudes do mundo próximo é o que anima o sábio e é o que doravante constituirá a paixão sublime do filósofo. Não deveremos esquecer que no espírito da tradição, filosofar é prestar culto a Apolo!

O conhecimento salva, mas também destrói. Eis um dos grandes ensinamentos que poderá ser extraído da reflexão de Sófocles. É o conhecimento excessivo de si-próprio que constitui a ruína de Édipo. Poder-se-ia pensar que a intenção de Sófocles, ao criar a história de Édipo, seria a de veicular a imagem do homem como ser votado à ruína, como ser condenado, pelos deuses, a um destino malévolos. No entanto, a mensagem implícita na história de *Édipo Rei* é, pelo contrário, mostrar o Homem como ser que possui a capacidade de ultrapassar a sua própria queda. As peças de Sófocles só refletem a beleza e a dignidade que ele encontrou na vida humana. A prova disto é o gesto deliberado de Édipo em ferir os seus próprios olhos, o que corresponde a um gesto de lucidez, a um gesto de quem reconhece os seus limites e culpas.

A essência do filosofar, do pensar coincide com a atitude individualista tomada por Édipo, como aquele que consegue formar a sua própria conceção de homem dos deuses e do mundo. A resposta ao enigma da Esfinge – *Homem* – é extraordinariamente importante, porque a grande afirmação do mito de Édipo é precisamente esta: o centro de tudo, o centro do mito, o centro do universo é o Homem. A extraordinária mensagem que o mito do *Rei Édipo* vai projetar é esta identificação, este reconhecimento do Homem Global. E o fim é a materialização de um percurso iniciático em que o humano se descobre a si-mesmo.

libertação como a “autoctonia do homem”. No entanto, a tragédia de Édipo (a sua verdade) é que por mais que ele tente se afirmar como sujeito liberto e autónomo, por mais que ele queira usurpar o trono da sabedoria, permanecerá sempre “coxo”. STRAUSS, Lévi - *Antropologia Estrutural I*. I vol. [s.d.]. pp 237-238

Para terminar este breve apontamento apresentamos uma possível leitura do aforismo enigmático Heraclítico utilizado no início deste pequeno capítulo. O que é a aventura do saber humano, das suas vitórias e suas quedas, senão e apenas a resposta a esta afirmação: *a mim mesmo me procurei?* Esta espécie de conselhos heraclíticos (que se podem comparar a máximas délficas *como conhece-te a ti mesmo* ou *nada em excesso*) possui um significado profundo porque se fundamenta nas suas teorias físicas e é devida à sua crença de que só pela compreensão do modelo central das coisas pode um homem tornar-se sábio.

O exemplo heraclítico serve para demonstrar a natureza constituidamente individualista da consciência reflexiva. Para que um indivíduo possa formar a sua própria conceção do homem, dos deuses ou dos fenómenos físicos é necessário que ele tenha consciência da capacidade investigadora da própria razão; é necessário que ele tenha consciência de si como sujeito cognoscente autónomo. Ora o nascimento de Édipo como nascimento do pensar autónomo simboliza esta irreverência do pensamento que, na ânsia de procurar a verdade (o saber), se torna profana e independente. O início do discurso filosófico dos chamados pré-socráticos, a sua especulação abstrata, implicou, também, uma dessacralização do Cosmos. A perplexidade causada pelas suas inovadoras teorias acerca da natureza, as acusações que muitos deles sofreram (como profanadores da tradição mítica) poderá ser equiparada à heresia de Édipo ao querer comparar-se ao deus.

Édipo o pensador, a imagem viva do tirano que ignora a existência de uma certa legalidade cósmica e exhibe uma nova ordem ditada pelo seu poder racional. No entanto, o que Sófocles parece querer dizer é que a vida é tão vasta, complexa e incerta que nos enganamos a nós próprios se pensarmos que a podemos dominar. O juízo humano é falível e a confiança excessiva nele conduz, necessariamente, à *hybris* (o que acaba sempre em desastre). Existem ainda muitos domínios da existência (daquilo que constitui a nossa identidade) que permanecem inexplicáveis. Édipo condensa o sentido do trágico da “cegueira humana” e a desesperada insegurança da sua condição, ao mesmo tempo que demonstra a grandeza deste mesmo homem que procura a todo o custo, a verdade sobre si mesmo e aceita todas as consequências.

No *Admirável Mundo Novo* que Huxley retrata, Édipo não teria lugar. A sua postura, liberdade e trágica condição seria uma ameaça à estabilidade desejada, uma inquietude indesejada. Este

velho Homem pensante teve que ser erradicado e no seu lugar foi forjado um *novo Homem*: higiénico, obediente, controlável, vazio e sem emoções.

*(...) Os velhos nos maus dias antigos renunciavam, escondiam-se, entregavam-se à religião, passavam o seu tempo a ler a pensar, a pensar!*⁷

No *Admirável Mundo Novo* é o Selvagem infiltrado que fala do Amor como o mistério último da existência e que lê com paixão intensa e vibrante o *Romeu e Julieta* do imortal Shakespeare, um autor proibido!

*O Selvagem lia em voz alta Romeu e Julieta, lia (porque se via sob os traços de Romeu e Lenina sob os de Julieta) com uma paixão intensa e vibrante. Helmholtz ouvira com um intrigado interesse a cena do encontro dos dois amantes. A cena do pomar tinha-o encantado pela sua poesia, mas os sentimentos manifestados fizeram-no sorrir. Reduzir-se a um tal estado por causa de uma mulher parecia-lhe extremamente ridículo. Mas examinando um por um cada pormenor verbal, que soberbo trabalho de génio emotivo!*⁸

⁷ HUXLEY, Aldous – *Admirável Mundo Novo*. trad. LEIRIA, Mário Henrique. Lisboa: Edições Livros do Brasil [s.d.] p. 68

⁸ HUXLEY, Aldous – *Admirável Mundo Novo*. trad. LEIRIA, Mário Henrique. Lisboa: Edições Livros do Brasil [s.d.] pp.191-192.

BREVE LEITURA HISTÓRICA DA OBRA

Admirável Mundo Novo

O Século XX. Da Utopia Branca à Utopia Negra

(...) Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!(...)

(...) Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,

(...) Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes –

Possuo-vos como uma mulher bela que não se ama,

Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima. (...)⁹

Álvaro de Campos, *Ode Triunfal*

Admirável Mundo Novo é uma obra que foi escrita em 1931 numa época que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, um conflito, de certa forma, esperado pela maior parte da sociedade.¹⁰

Vanguardista, o livro denunciou aspetos desumanizadores do progresso científico e material. Factos que podem ser lidos, não apenas como valores fictícios do século passado, mas principalmente interpretados como elementos extremos da sociedade global atual. Família, sentimento, espiritualidade, velhice são vistos como conceitos ultrapassados. A reprodução humana em laboratório permite a classificação de uma sociedade dividida em castas. Homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes, de acordo com o grau de inteligência e funções produtivas.

Nascem massas de indivíduos irrelevantes, controladas pelo sistema para servirem e produzirem bens de consumo – uma estratégia de manutenção da ordem social,

⁹ PESSOA, Fernando – *Poesia de Álvaro de Campos*, vol. I. col dirigida por MOURA, Vasco Graça. Lisboa: Editora Planeta de Agostini, S.A, 2002. pp.41 e 44.

¹⁰ O Século XX é o tempo de todas as contradições. Existiram anos que geraram as maiores expectativas e esperanças para a humanidade (anos 20, p.e.) e que foram substituídos por tempos sombrios, que rapidamente destruíram a esperança e a fé nos homens. Um cenário marcado por duas grandes guerras, crises económicas e revoluções de diversa índole. Os “anos dourados”, os impactos da Guerra Fria, a revolução social marcada pela inovação tecnológica e cultural, a revolução cultural que transformou as relações familiares e trouxe a liberdade sexual, a mudança do mapa geopolítico do globo, etc. Atualmente vivemos novamente uma mudança profunda que terá que necessariamente esperar pelo distanciamento histórico necessário a uma análise rigorosa.

complementada pelo condicionamento psicológico. Os *media* são, igualmente, segmentados de acordo com a casta a que se dirigem.

A preservação do corpo físico garante uma aparência eternamente jovem. A suposta liberdade sexual contrapõe-se à falta de liberdade efetiva, marcada pela proibição da leitura e pela exclusão daqueles que não agem de acordo com as normas do corpo social. A felicidade é estabelecida, como norma vigente para a manutenção da estabilidade social, que é atingida com o uso de drogas e pelo consumo desenfreado.

Anos mais tarde da publicação de *Admirável Mundo Novo*, o sociólogo Jean Baudrillard aprofundou a discussão do simulacro na sociedade pós-moderna. Um ambiente caracterizado pelo desaparecimento nas ideologias, pelo excesso e a rapidez das informações, pela confusão entre o real e o imaginário e pela falta de limites.

O seu objeto de estudo compõe-se da análise dos grupos sociais contemporâneos enquanto sociedade de consumo, produtora de mitos e estruturas que promovem a exclusão. Baudrillard trabalha a “sedução” como artifício do mundo. Faz a sua crítica a partir da reflexão sobre a tecnologia e suas implicações: um cenário em que o ser humano se afasta cada vez mais do mundo real e natural e se concentra no mundo das imagens da televisão e dos meios de comunicação de massas.¹¹

Antes, porém, de nos determos numa análise mais detalhada da obra importa fazer uma breve contextualização do seu enquadramento histórico e literário.¹² O problema fundamental que se colocava em Inglaterra na encruzilhada entre os séc. XIX e XX, no momento em que as artes se renovavam vertiginosamente, acompanhando a reflexão sobre a sua natureza e a sua função no mundo contemporâneo, era de se exigir algo mais do que a simples narrativa de uma história relativamente interessante. Existia uma minoria crescente de autores - críticos e romancistas – que reivindicavam um modo narrativo mais atento, tanto formal como conceptualmente, à consciência de um novo século. Assim, o romance do século XX nasce na Inglaterra – como no resto da Europa – não tanto devido às novas condições do mundo, mas

¹¹ BAUDRILLARD, Jean – *A sociedade de consumo*. trad. MORÃO, Artur. Lisboa: Edições 70, 1975. BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. São Paulo: Editora Papirus, 1991.

¹² Nesta sumária contextualização histórica e literária utilizamos como fonte a seguinte obra IÁÑEZ, E – *História da Literatura. A Literatura Contemporânea até 1945*. Lisboa: Planeta Editora, 1993. O presente Guião tem apenas como objetivo fornecer informação e pistas de leitura sobre a obra em análise.

dos novos modos de consciência que dele têm os pensadores e artistas. Essa consciência foi orientada, nas suas diferentes formas e com variantes, por um sentimento agudo de crise individual e coletiva (preludiado por românticos como Kierkegaard, cujas ideias tiveram uma forte influência nestes anos) em confronto com a orgulhosa segurança demonstrada pelo Ocidente até há pouco tempo. A sociedade inglesa, conservadora e tradicionalista por natureza, foi quase obrigada pelos jovens artistas a contemplar-se a si própria numa perspectiva inusitada que devia apagar a imagem serena que o país vinha construindo de si próprio, esse Império Britânico cujo desmembramento se iniciava precisamente com a Primeira Guerra Mundial.

A primeira mudança de rumo radical que se produziu com o romance inglês nos primeiros 30 anos do século XX e que a nível de todas as artes se conhece sob a ambígua designação de Modernismo foi resultado da superação da contemplação mais romântica do mundo na tentativa de reproduzir o caos do mundo moderno. Este processo, gradual mas rápido e decidido, teve carácter e alcance internacional e, em Inglaterra, contou com alguns dos seus representantes mais significativos.¹³

De forma mais ou menos peculiar, foram vários os modos narrativos de que se serviram os romancistas britânicos nas primeiras décadas do século XX para traduzir, ordenar ou fugir do caos do mundo moderno. Em traços gerais, os melhores narradores ingleses optaram quer por uma tentativa de reprodução o mais fidedigna possível da consciência humana, dos seus estados e momentos, quer pela indagação no subconsciente, no lado oculto da nossa existência, fruto do interesse manifestado nesses anos pela psicanálise. Estamos, sem dúvida, perante um romance essencialmente subjetivo, ou pelo menos perante formas de narração que não renunciam à aplicação da subjetividade na tentativa de captar a objetividade.

No prefácio à obra *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley faz um esclarecimento importante quanto ao tema e à reflexão efetuada neste livro. Huxley como homem da ciência conhece os seus meandros, as suas virtudes e os seus perigos. O conhecimento, o progresso comporta sempre uma ambiguidade, é ao mesmo tempo salvífico e destrutivo. Por isso mesmo, não se

¹³ Falamos de nomes como, por exemplo, Virgínia Woolf, o romancista E. M. Forster, o pensador Bertrand Russel e o norte-americano Ezra Pound que eram membros do conhecido *grupo de Bloomsbury*. Curiosamente, neste grupo, não aparece o insuperável James Joyce, o mais revolucionário dos modernistas britânicos. A sua obra, principalmente *Ulisses* despertou no grupo sentimentos contraditórios (chegando a ser considerada obscena e vulgar), próprios da sua personalidade controversa e genial. Uma alma inquieta.

pode efetuar uma leitura literal desta obra como negação da técnica, da ciência ou do conhecimento. Tal como ele diz

O tema do Admirável Mundo Novo não é o progresso da ciência propriamente dito; é o progresso da ciência no que diz respeito aos indivíduos humanos. Os triunfos da química, da física e da arte do engenheiro são considerados como progredindo com normalidade. Os únicos progressos científicos que são explicitamente descritos são aqueles que interessam à aplicação aos seres humanos das futuras pesquisas em biologia, fisiologia e psicologia. É unicamente devido às ciências da vida que a vida poderá ser modificada radicalmente. As ciências da matéria podem ser aplicadas de tal maneira que destruam a vida ou que tornem a existência inadmissivelmente complexa e desconfortável; mas a não ser que sejam utilizadas como instrumentos pelos biólogos e psicólogos, são impotentes para modificar as formas e expressões naturais da própria vida.¹⁴

Huxley constrói uma narrativa satírico-utópica que tem como principal objetivo chamar a atenção para uma sociedade unicamente alicerçada na técnica, de mecanismos totalitários, totalmente esvaziada da subjetividade, de emoções, que é, afinal, o que caracteriza o humano. As suas reflexões, para além de congregarem os seus interesses científicos, pretendiam veicular uma mensagem. Um alerta.

A narrativa que ele constrói utiliza um *topos*, um género literário familiar e muito apreciado pelos ingleses: o género utópico, mas corporizado numa visão negativa do futuro, traduzida na fábula do *não lugar* do humano. O século XX foi, porventura, o século de todas as utopias, foi herdeiro daquelas que foram as mais brilhantes e otimistas e testemunha daquelas que foram as mais sombrias e apocalípticas. No século XVIII Utopia e Luzes caminharam a par, orientadas ambas por uma razão esclarecida e pela promessa de um futuro de progresso e justiça social. A Utopia ao serviço das Luzes sejam elas Rousseau, Condorcet, Diderot, Voltaire, Kant entre muitas outras, estiveram na origem de muitos modelos que basearam, até há pouco tempo atrás, o modo de vida ocidental, traduzidos nas cores e valores da Revolução Francesa: liberdade, igualdade, fraternidade.

¹⁴ HUXLEY, Aldous – *Admirável Mundo Novo*. trad. LEIRIA, Mário Henrique. Lisboa: Edições Livros do Brasil [s.d.] pp. 12-13.

No século XIX a utopia é dominada pela ideia de futuro, pela sua antecipação idealizada. Para além do conjunto de pensadores que se incluem no chamado “socialismo utópico” (como Babeuf, Marechal, Antoine Germain, Lepelletier, Saint-Simon ou Fourier), outros autores socialistas dedicam-se a prolongar a sua militância pela ficção utópica. O objetivo é descrever *a priori* o futuro que o socialismo se propõe promover. Trata-se de contar a história de uma felicidade futura que se acredita estar a ser progressivamente conquistada. Não apenas por razões políticas mas também em consequência da revolução industrial, dos espetaculares progressos científicos. Digamos que, na utopia do século XIX, a sociedade ideal desaparece para dar lugar à sociedade futura, muito em particular sob a forma de cidade futura da qual Paris ainda é o exemplo por excelência.

No século XX, século de duas Grandes Guerras aterradoras, dos totalitarismos mais asfiantes da história do homem (de que o Nazismo ou o Estalinismo é exemplo, apenas para citar os mais conhecidos), o mundo torna-se sombrio. As grandes esperanças cedem face aos terríveis acontecimentos que abalam a consciência coletiva. A própria ciência revela a sua capacidade destrutiva, dá-se a ver como ameaça. A utopia debate-se entre dois movimentos divergentes: ainda a esperança de um futuro feliz, *utopia branca*¹⁵, e a consciência do pesadelo em que o nosso futuro se vai transformar. H. G. Wells oscila ainda. A sua confiança face às consequências dos assombrosos desenvolvimentos técnicos é mitigada. Newte, Foster, Kettelhut, Zamiatine, Orwell e, naturalmente, Aldous Huxley colocam-nos sem rodeios perante o mundo implacável em que vamos viver, ou melhor, em que já vivemos (totalitarismo, capitalismo industrial, sociedade de consumo). É como se estas *utopias negras*¹⁶ fizessem o

¹⁵ A título de exemplo citamos algumas das produções narrativas desta *utopia branca*:

Émile Zola, *Travail*, 1901;

Émile Thirion, *Neustia: Utopie Individualiste*, 1901;

Cosimo Noto, *The Ideal City*, 1903

Anatole France, *Sur la Pierre Blanche*, 1905;

Anatole France, *L'Île des Pingouins*, 1908;

Ernest Tarbouriech, *La cité future. Essai d' une utopie scientifique*, 1902;

Albert de Dion, *L' Automobile reine du monde*, 1906;

Pierre Benoit, *L' Atlantide*, 1919;

Para uma leitura mais aprofundada desta dicotomia entre *utopias brancas e negras* consultar o texto original de Olga Pombo em <URL: <http://www.educ.fc.ul.pt/opombo/apontamentos/sexuloxx.htm>

¹⁶ Alguns exemplos das *utopias negras*:

Horace W. Newte, *The Master Beast*, 1907;

E. M. Foster, *The Machine Stops*, 1912;

balanço negativo dos sistemas sociais em grande parte resultantes da aplicação das anteriores *utopias brancas*. Tudo agora é mais complicado. A utopia perde cada vez mais a sua especificidade. Esbatem-se as suas fronteiras com géneros próximos, sobretudo, com a invasora ficção científica. De tal modo que é porventura legítimo considerar que a utopia é hoje um subgénero da ficção científica.

O mais recente desenvolvimento deste discurso é a utopia cibernética, o regresso à idealização, agora em torno das maravilhas da Internet, das virtudes das comunidades virtuais, da democracia planetária. Porém, este desenvolvimento já é também alvo de crítica e de vozes dissonantes, alertando para os seus malefícios.

Admirável Mundo Novo é, assim, uma obra que nos coloca, num registo ficcional, no alvor de um futuro ensombrado e escravizado pela técnica e pelo progresso. Retrata uma futura sociedade tecnológica na época Ford¹⁷, organizada por um sistema científico de castas. Não existem emoções, nem possibilidade de escolhas, consideradas obscenidades, desestabilizadoras da ordem social.

A história passa-se no ano de 632 NF (Nosso Ford). Huxley imagina um mundo, paradoxalmente, também utópico, em que tudo é limpo, higiénico, tudo funciona e a abundância impera. Guerras e doenças são coisas do passado, assim como a solidão, a

Theia von Harbour, *Metropolis*, 1926;

Hugh Ferriss, *The Metropolis of Tomorrow*, 1929;

Aldous Huxley, *Brave New World*, 1932;

Sinclair Lewis, *It can't happen here*, 1935;

George Orwell, *Animal Farm: A Fairy Tale*, 1945;

George Orwell, *1984*, 1949;

Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*, 1953

¹⁷ Nesta obra observamos uma clara referência ao Fordismo, um sistema de produção criado pelo empresário norte-americano Henry Ford em 1914, cuja principal característica é a fabricação em massa. Henry Ford criou este sistema para a sua indústria de automóveis, projetando um modelo baseado numa linha de montagem em que cada operário era responsável por uma pequena etapa da produção, num trabalho repetitivo e desgastante que provocou uma falta de visão geral dos trabalhadores sobre todas as etapas de produção, levando à consequente baixa qualificação profissional. Este foi o principal sistema de produção durante o século XX, marcado por uma ordem excessiva, na qual Huxley se baseou ao imaginar a sociedade do *Admirável Mundo Novo*. Este cenário também inspirou Chaplin para a produção do filme *Tempos Modernos*, em 1936, onde o famoso personagem *O Vagabundo* tenta sobreviver no meio moderno e industrializado.

insegurança e as dúvidas. Mas não existe liberdade política ou económica e vigora uma promiscuidade sexual consentida oficialmente.

Para além disso foi criado um sistema de produção em série do ser humano, a partir da fecundação de um único óvulo. Através dum processo intitulado Bokanovsky, parte da comunidade é padronizada (Gamas, Deltas e Ípsilones). Os que não passavam por este processo originavam os indivíduos superiores (Alfas e Betas).

A utilização de uma droga psicotrópica (Soma) que é uma mistura de cocaína, heroína e álcool é permitida e indispensável. É consumida com o objetivo de erradicar as emoções e dá uma sensação imediata de bem-estar. Neste futuro higiénico, é criada uma sociedade integralmente dominada pela técnica e pelo saber científico, cujos pressupostos são mecânicos, autoritários e desumanizados. Aldous Huxley fornece a explicação desta orientação logo no prefácio do livro:

*Os indivíduos que governam o Admirável Mundo Novo podem não ser sãos de espírito (no sentido absoluto da palavra), mas não são loucos e o seu fim não é a anarquia e sim a estabilidade social. É com o fim de assegurar a estabilidade que eles efetuam, por meios científicos, a revolução última, pessoal, verdadeiramente revolucionária.*¹⁸

A visão do futuro tecnicista e tecnológica desenhada por Huxley é seguramente uma visão, na época, perturbadora e sombria. Foi, certamente, considerada improvável e absurda. Contudo, e nos dias que correm, sabemos que os progressos e descobertas da ciência nos últimos anos do século XX e início do século XXI provaram que essa realidade é cada vez menos absurda. Questões como a manipulação genética e a biotecnologia e as suas *maravilhas* estão na ordem do dia.

A obra inicia-se com uma visita de um grupo de estudantes ao Centro de Incubação e Condicionamento de Londres. Na porta do Centro existe um brasão com o lema do Estado Mundial: *Comunidade, Identidade, Estabilidade*. A estabilidade social é um valor da marca civilizacional de uma sociedade. E é em nome desta estabilidade social que são utilizadas diversas metodologias científicas que conduzem a uma verdadeira revolução na ciência.

¹⁸ HUXLEY Aldous – *Admirável Mundo Novo*. trad. LEIRIA, Mário Henrique. Lisboa: Edições Livros do Brasil [s.d.], p. 16.

(...) *Ou então o sistema de castas. Constantemente proposto, constantemente recusado. Havia algo chamado democracia. Como se os homens fossem iguais a não ser físico-quimicamente.*¹⁹

Segundo o texto do livro, existiram muitas tentativas anteriores a esta para reformar o mundo, mas as pessoas do passado (antes da década de 30) eram rebeldes e tiveram dificuldades em aceitar novas propostas.

O ponto de não retorno para esta nova visão foi uma grande guerra que levou o sistema, na época atual, a um grande colapso económico e o que restou foi a escolha entre a Direção Mundial (desta *nova era* anunciada no livro) e a destruição. Os antepassados que sobreviveram à grande guerra e escolhem um novo modelo, uma nova aurora.

Estes *Senhores do Grande Mundo*, ainda que se proclamem contra a violência, foram, paradoxalmente autores da destruição de museus, obras literárias e artísticas, igrejas, tudo o que no fundo representasse a autodeterminação de um indivíduo, a mente livre e a possibilidade de escolha. A religião (em especial o cristianismo), considerado um fenómeno de alienação das massas, era considerado um alvo a abater. Como forma de erradicar toda a subjetividade e marca do *humano*, optaram por utilizar a dominação genética e química. Os *Senhores deste Mundo* anunciado preconizam, assim, uma sociedade totalitária, cujo poder é centralizado no Estado. Para que este controlo fosse efetivamente eficaz, era necessário que os governantes obtivessem a total manipulação dos cidadãos. Para isso todos os seus membros deveriam pensar da mesma maneira. Além do mais, o estado de permanente bem-estar induzido por métodos farmacológicos e químicos evitava as dissidências no grupo.

Com este objetivo, foi criado um sistema que deveria funcionar na perfeição: inicialmente através do condicionamento infantil (nesta fase as crianças eram induzidas a aceitar a sua função na sociedade). Os adultos eram condicionados com o auxílio de drogas. Assim, chegou-se a um perfeito e seguro sistema de eugenia e padronização com o único objetivo de alcançar a estabilidade social. Neste *Admirável Mundo Novo*, a padronização dos seres humanos (de produtos humanos melhor dizendo, já que os *humanos* são criados em laboratório, através da técnica de fertilização *in vitro*) é levada a extremos.

Não há mobilidade social, cada indivíduo é predestinado a pertencer a uma casta. Para além disso existe ainda a manipulação na criação do macho/fêmea. Uma hierarquia bem montada que visa a absoluta estabilidade e procura evitar a sobrepopulação. Esta imagem apenas espelha a constante luta de classes e a exploração do homem pelo homem, que é a marca de todas as sociedades humanas organizadas. Esta produção calibrada de Alfas, Betas, Gamas, Deltas e Ípsilones pretende evitar reclamações, reivindicações ou movimentos de revolta. Não há lugar para a subjetividade, as emoções ou o amor.

Além da sociedade “moderna”, fruto do Centro de Incubação e Condicionamento de Londres, também existia uma sociedade paralela, localizada numa região tropical, que vivia livre das interferências tecnocientíficas. Neste local, não existia dominação, nem controlo da sociedade e pode-se dizer que os indivíduos ali vivam parcialmente livres já que podiam expressar os seus sentimentos, mas não podiam abandonar este território sob nenhuma circunstância. Ali vivam e morriam. A esta terra singular o autor intitula-a como *Reserva de Selvagens*, um reduto de gente não-civilizada, sem qualquer conhecimento do *Mundo Novo* e das suas maravilhas tecnológicas e científicas. O selvagem era assim um *ser de um mundo natural*, sujeito à doença, corrupção e morte.

*Na aula de Geografia dos Betas-Menos, John aprendeu “uma reserva de selvagens é um lugar em que, em razão de condições climáticas ou geológicas ou da pobreza dos recursos naturais, não se julgou conveniente realizar as despesas para civilizar”.*²⁰

A *Reserva de Selvagens* localizava-se fora de Londres numa área considerável, dividida em quatro sub-reservas distintas, cada uma rodeada por uma cerca de fios de alta tensão. Era impossível fugir da reserva. O objetivo era confinar o *selvagem* ao seu ambiente, não o misturando com os elementos dessa casta humana produzida em laboratório, criados para a tranquilidade, a sanidade mental, a virtude e a felicidade.

O nosso autor descreve estes selvagens com características semelhantes aos índios. Na *Reserva* os selvagens realizavam muitos rituais buscando adquirir conhecimentos sobre si mesmos e sobre o mundo e acreditavam em muitos deuses. Utilizavam certas substâncias que

¹⁹ HUXLEY, Aldous – *Admirável Mundo Novo*. trad. LEIRIA, Mário Henrique. Lisboa: Edições Livros do Brasil [s.d.]. p. 71.

²⁰ HUXLEY, Aldous – *Admirável Mundo Novo*. trad. LEIRIA, Mário Henrique. Lisboa: Edições Livros do Brasil [s.d.]. p. 171.

provocavam alterações da percepção, uma espécie de êxtase que tinha como objetivo a busca e entrega às suas origens.

Os *Senhores deste Admirável Mundo Novo* consideram-se reformistas e com uma missão messiânica. Acreditavam que movimentos ideológicos, ou seja políticos e religiosos como o Cristianismo, o Liberalismo e a Democracia foram os grandes responsáveis pelo caos que se instalou no mundo. Daí a adoção de uma série de políticas restritivas onde se ressalta a proibição da leitura. Evitava-se a todo custo o contacto com os livros porque estes podiam mostrar realidades diferentes daquelas que as pessoas do *Admirável Mundo Novo* conheciam, o que poderia vir a ser um problema de instabilidade para a comunidade. Como esta sociedade é descrita numa época futura, quando existe referência ao passado é localizado temporalmente antes da década de 30 do século passado. Muitos livros deste passado que importava higienizar foram queimados, mas alguns escaparam, como um exemplar da Bíblia que foi guardado por um dos senhores desta *Nova Era*. Nenhum legado desse mundo que existia, nenhuma obra literária ou produção artística do *velho Homem*, o Édipo pensante, deveria ser preservado. Falava de outro tempo, outra era que devia ser abolida. Foi o exercício dessa liberdade de pensamento e de vontade que criou todos os paradoxos e os levou à ruína.²¹

Conclusão

Profecia científica? Ficção satírica? A utopia de A. Huxley é uma das mais poderosas acusações da sociedade industrial e dos perigos do progresso científico, do condicionamento individual, da planificação total que reduz o indivíduo a um elemento servil, vazio, sem autonomia e sem consciência.

Assim sendo, na época em que a obra foi escrita esta visão do futuro poderia fazer parte de uma utopia irrealizável, um universo sombrio e fantástico. O desenvolvimento da ciência na altura não permitia fazer este tipo de antevisão. No entanto, e nos dias que correm, o avanço tecnológico verificado, tornaram todas estas práticas absolutamente comuns. Citamos a título de exemplo apenas algumas:²²

²¹ Sobre o carácter Edipiano deste *velho Homem* se falou, de forma sucinta, no capítulo anterior.

²² Os exemplos apresentados pretendem apenas fornecer alguma informação para pesquisa posterior. Atendendo à especificidade do tema, que requer conhecimentos rigorosos na área da ciência e da sua evolução, e às suas

- Sociedade vigilante e de consumo;
- Descrição do tipo de laboratórios (ambiente, materiais utilizados, etc.);
- Fertilização *in vitro* (a descrição do processo de fecundação no *Admirável Mundo Novo* nada mais é do que a descrição perfeita do processo atual da fertilização *in vitro* realizado em clínicas especializadas para casais/indivíduos que não conseguem gerar um filho através do processo natural);
- O avanço da genética, nomeadamente através do estudo do genoma humano, permite atualmente manipular não só características físicas dos embriões, mas também detetar genes anormais, alguns responsáveis pela existência de determinadas doenças. Cite-se a título de exemplo *O Projeto Genoma Humano* que teve início na década de 90 e que foi concluído em 2003, pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos da América;
- Darwinismo social – políticas de exclusão;²³
- Clonagem;
- Circulação artificial. Com os avanços da medicina moderna, já é possível realizar o processo de circulação artificial, assim como no *Admirável Mundo Novo*. Existe uma técnica atual de circulação extracorpórea que é muito difundida e utilizada nas cirurgias cardíacas;
- Utilização e manipulação de determinadas substâncias e órgãos humanos;
- A criação e manipulação de vírus e vacinas em laboratório;
- Controle da natalidade.²⁴

inúmeras implicações seria impossível traçar um retrato do cenário científico e sua evolução nos últimos quase 100 anos. Nem é essa a missão do presente Guião.

²³ Fazendo uma analogia com a sociedade contemporânea, pode-se dizer que existem na espécie humana duas formas de desigualdade: uma física ou natural que é estabelecida pela natureza e que consiste na diferença de idades, de saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito ou da alma. A outra pode ser chamada de desigualdade moral ou política porque depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida ou permitida por homens. Esta consiste nos diferentes privilégios que gozam alguns em prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais honrados e mais poderosos. Esta questão leva-nos de volta a Rousseau e ao seu *Contrato Social*. *O Contrato Social* ou princípios do direito político é uma obra capital que não aponta qualquer alternativa política, mas constitui uma profunda reflexão sobre as condições de legitimidade pessoal de qualquer regime político. Não se trata de um texto pragmático, mas fundamentalmente um texto filosófico, que interroga o problema crucial das relações entre o sujeito e Estado, liberdade individual e interesse social, dever e direito.

²⁴ No *Admirável Mundo Novo* o problema populacional foi resolvido pela estimativa do número ideal e respetivos mecanismos de controlo e seleção. Na verdade, esta perspetiva não se distancia muito da sociedade moderna. O controlo da natalidade sempre esteve presente, mas de formas diferentes daquelas que nos são transmitidas na obra em causa. De fato, quando existe uma sobrepopulação, ocorre uma tendência de afastamento da estabilidade,

Mas não é só ao nível da ciência que a esta profecia futurista de Huxley se tornaria tão atual. A evolução da sociedade nas últimas décadas fala, em voz alta e clara, de um novo *habitat* económico, social, cultural e humano. A partir de 1973 descortina-se um mundo sem referências, marcado pela instabilidade e a crise. Neste cenário incerto onde floresce a economia neoliberal, cresce a desigualdade de classes com a conseqüente concentração da riqueza nas mãos de poucos. Assistimos ao surgimento de uma nova classe de miseráveis urbanos. A pobreza nas cidades torna-se uma realidade definitiva e banal com a qual o resto da população parece conviver bem, de forma indiferente. A exposição constante a este tipo de fenómeno torna esta sociedade alienada, ao ponto de aceitar a desigualdade como normal, um quadro que pode ser comparado à alienação condicionada de uma sociedade de castas retratada por Huxley.

O Estado perde cada vez mais as suas funções sociais. Aumentam a desigualdade e a violência. Esta fragmentação (a que assistimos atualmente) causa também uma desestruturação da família e das relações afetivas. O mundo divide-se entre os economicamente viáveis e não viáveis. Mas não foi sempre assim?

Na época da *queda* (período que poderemos assinalar como as últimas décadas do século XX e princípio do século XXI) a economia e os mercados tornam-se nos novos deuses do Olimpo. A fé cega numa sociedade governada pelo interesse especulativo ilimitado e sem regras, parece

do equilíbrio, da sociedade e até mesmo do planeta porque os recursos necessários para manter a população não são infinitos. É isso mesmo que conclui Thomas Malthus através de análises matemáticas. O aumento da população é desproporcional em relação aos recursos naturais existentes, o que origina um declínio da qualidade de vida da população, aumentando a fome e a miséria. Associado a este incremento da população ainda estão os avanços da medicina que prolongam o tempo de vida, diminuindo a taxa de mortalidade. No futuro teremos, por isso, sociedades desenvolvidas mas envelhecidas e insustentáveis. O Japão foi o primeiro país desenvolvido que iniciou um programa de controlo da natalidade. Na China foi implantado de forma autoritária e coerciva, através de uma política de contenção do crescimento demográfico conhecida como *one child policy* (1 filho por casa) adotada em 1979. Estas práticas e a preocupação da contenção demográfica por parte dos atores políticos mundiais estimulariam a clandestinidade de fenómenos como o aborto ou a esterilização forçada (a última muito vulgarizada na década de 70 em países como o Brasil, a Índia, Bangladesh e outros países muçulmanos). Refira-se também a utilização da pílula anticoncepcional desenvolvida a partir de 1955 e utilizada hoje em massa pelo sexo feminino. Contudo, há que referir as assimetrias existentes entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos e o esbanjamento e desperdício de bens alimentares, decorrentes da sociedade de consumo que se instalou na mentalidade coletiva ocidental e também na oriental nos últimos anos.

contrariar a ideia que seria o único modelo capaz de produzir não só o máximo de bens e serviços, mas também a perfeita felicidade e liberdade. Os dias que correm são a expressão acabada da sua negação. A sociedade do final do século XX gerou também uma postura egocêntrica e antissocial, onde só o prazer e o interesse individual são importantes. Assiste-se ao esbatimento da fronteira entre o público e o privado e passa-se a viver no espaço virtual e ficcional (quer seja veiculado pelas redes sociais ou pelos meios de comunicação social). A vida virtual é diferente da vida real. Tudo é possível inventar, desvelar ou velar, num jogo de máscaras viciado e viciante.

Esta sociedade baseada na sedução da imagem e na mediatização, orientada para consumir e para aderir a um simulacro da realidade, da felicidade eterna e perfeita, é marca, de facto, do nosso *Admirável Mundo Novo*. Um registo esquizofrénico ditado pelos *novos atores do mundo* (sejam eles políticos, jornalistas, agentes do poder, atores, *opinion makers*, etc.), que o moldam pelo discurso e o tornam real às massas. Estamos, por isso, perfeitamente mergulhados na *caverna*, vendo as sombras projetadas na parede e não podendo encarar a luz do Sol.

Para Baudrillard a sedução é o artifício do mundo. É através dela que é possível exercer o poder e movimentar a sociedade civil. É desejar o que não se tem. A sedução, a imagem é o motor que alimenta o desejo de possuir. Uma hiper-realidade. Esta estrutura coisifica o ser humano, transforma o corpo em objeto e infraestrutura do desejo, e tão descartáveis como qualquer produto de consumo. As relações descartáveis, a operacionalização e instrumentalização das relações refletem a lógica produtiva do século XX. Assim como na economia neoliberalista, as relações pessoais têm a obrigação de serem *solventes*. Essa ausência de pontos fixos, tão característica do nosso modelo economicista e de mercado, marca hoje as relações interpessoais. Este esvaziamento de laços pessoais (sem durabilidade) são característica essencial da alienação e desconstrução do espírito crítico dos membros da sociedade. Seduzidos por esta aparente liberdade que nada compartilha entre si, apenas *um momento*, não vivem o real, mas uma aparência que se constrói a cada minuto e que fomenta o desapego, a evasão, a aniquilação da memória, a partilha de uma história.

(...) *O Contrato social tornou-se um pacto de simulação, selado pelos media e pela informação.*

(BAUDRILLARD: 1975)

Huxley também retrata esta realidade. A sociedade recriada nesta obra mostra-nos um *novo Homem* que não vê importância na morte, não conhece a dor ou a culpa (afinal a morte é banalizada desde a infância e o sofrimento não existe). Dominadas e condicionadas por mensagens induzidas durante o sono, as pessoas da comunidade de Huxley não pensam, só repetem o discurso do regime social onde estão inseridas. O *Selvagem* vive à distância, num estado natural e visceral, dominado pelas emoções, pelas pulsões, pelas contradições, *pelo ser e não ser* que caracterizava o *velho Homem*.

As palavras que dominavam as sociedades de consumo ocidentais, agora passam a invadir as orientais. Não são as palavras dos livros sagrados ou redigidas pelos escritores consagrados, mas são as palavras das marcas e produtos comerciais e do que elas prometem: eterna beleza, eterna juventude, eterno sucesso. No campo da ciência e da tecnologia, os avanços são cada vez mais privilégio de *uma casta, uma elite*, afastada do povo. A ciência está ao serviço do poder. O conhecimento e o ser humano tornaram-se irrelevantes. Os regimes totalitários da primeira metade do século XX constituem um bom exemplo disso mesmo, utilizando e instrumentalizando a ciência e a tecnologia para atingirem os seus fins, incentivando a pesquisa científica. Um novo dogmatismo. Atualmente a biologia e a genética são duas estrelas do saber científico.

No final do século XX e começo do século XXI, a engenharia genética destaca-se no mundo inteiro, suscitando e levantando inúmeras questões de natureza ética. Tudo é válido em nome da verdade científica, a biotecnologia tornou-se um grande negócio.

Assim, e para concluir, *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley é sem dúvida uma referência literária na história do pensamento ocidental. Um livro, sem dúvida, polémico publicado nas primeiras décadas do século XX, negando a utopia prometida pelo crescente avanço e desenvolvimento tecnológico. Foi alvo de episódios de censura desde a sua publicação até aos dias de hoje. Disso mesmo é exemplo o facto de ter sido banido na Irlanda logo em 1932. A justificar os atos proibitivos da sua leitura apontavam a existência de uma linguagem imprópria e obscena, a promoção da liberdade sexual, do aborto e a ausência de valores morais. Sendo a Irlanda um país maioritariamente conservador e religioso (apesar de fragmentado), um texto desta natureza era considerado ideologicamente perigoso, devendo por isso o seu acesso ser restrito e controlado.

Até hoje o livro é censurado nos Estados Unidos da América. Grande parte da sociedade americana é conservadora. Quando os livros contêm temas controversos e explícitos (como é o caso da sexualidade) são removidos de escolas e bibliotecas. Todos os anos a *Ala's Office for Intellectual Freedom*²⁵ faz a compilação de uma lista de 10 livros que são frequentemente objeto de censura. O objetivo é informar o público da existência de atos de censura e proibição em instituições como escolas e bibliotecas (cuja função é exatamente a contrária). *Admirável Mundo Novo* é um dos livros mais indicados nesta lista. As razões apontadas são insensibilidade, linguagem ofensiva, racismo, sexualidade explícita. Existiram outros exemplos, nomeadamente, nos governos totalitários e nos Estados centralizadores mais recentes ou não. E não só nos Europeus.

Contudo, será porventura correto afirmar que este não é um exemplo dos mais paradigmáticos da lista infinitamente extensa dos livros proibidos ao longo da história do Homem. É sim um livro polémico e assustadoramente atual. Apesar de tudo, obrigatório em qualquer lista de livros proibidos.

Por isso o escolhemos. Constitui um aviso e um questionamento. Questionamento ao lugar do homem como ser pensante, livre e criador. Como ser com direito à sua própria determinação e escolha do seu destino. *O Homem Edipiano*. Livre para saber, errar e amar, mas também para se redimir...

²⁵ Trata-se da *American Library Association* (Associação das Bibliotecas Americanas).

Disponível em < [URL:http://www.ala.org/bbooks/frequentlychallengedbooks/top10](http://www.ala.org/bbooks/frequentlychallengedbooks/top10)

ALGUMAS PISTAS DE DISCUSSÃO E EXPLORAÇÃO DA OBRA

1. *Admirável Mundo Novo* é uma obra que retrata uma certa visão utópica do futuro. Que tipo de utopia é essa e qual a sua contextualização no século XX?
2. Qual a diferença entre *utopia branca* e *utopia negra* e que autores a representam?
3. Qual o significado etimológico da palavra *utopia*? Qual a sua relação com tema do livro?
4. O livro inicia-se com uma visita ao Centro de Incubação e Condicionamento, uma fábrica de homens. Onde se localiza?
5. Na porta do centro existe um brasão com o lema do Estado Mundial. Quais são os três pressupostos defendidos?
6. Que paralelo é possível estabelecer entre estes pressupostos e as cores e valores da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade?
7. Quem é Bernard Marx? Qual a sua intenção ao participar na visita?
8. Existe uma história de amor entre duas personagens do livro? Que personagens são essas e qual a sua importância no decurso da narrativa?
9. Qual o sistema de *castas* representadas no livro? Qual a diferença entre Alfas, Betas, Gamas, Deltas e Ípsilones?
10. Quem é John, o Selvagem? Qual a sua importância e simbologia no *Admirável Mundo Novo*? Que relação existe entre esta personagem e o Homem Edipiano a que fizemos referência no presente Guião?
11. O sistema Ford é uma clara alusão a uma das figuras mais emblemáticas da indústria automóvel. De quem se trata? Qual terá sido a intenção do autor?
12. Qual a relação que existe entre o sistema Ford e a caracterização do aparelho psíquico realizada por Sigmund Freud?
13. A realidade que temos descrita no livro não era possível na altura em que foi escrito. E hoje? Chegámos, enfim, ao *Admirável Mundo Novo*? Será a nossa realidade ainda muito distante desta obra de ficção?
14. Qual a importância do desenvolvimento de ramos da ciência como a biologia e a genética? De que forma é que cumprem o cenário futurista descrito no livro em 1932?
15. Atualmente sabemos que as emoções têm um papel muito importante na estruturação da resposta racional. Que papel é esse e que autores o representam?

BIBLIOGRAFIA

Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras

1. De Aldous Huxley

HUXLEY, Aldous [at.al] – *Hubert e Minnie*. Lisboa: Diário de Notícias, 2011. 63 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: C&N COM-NOV-EST WIL

HUXLEY, Aldous – *Admirável Mundo Novo*. trad. LEIRIA, Mário Henrique. Porto : Público Comunicação Social, cop. 2003. 253 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide

Cota: ROM ROM-EST HUX

HUXLEY, Aldous – *As portas da percepção. Céu e Inferno*. trad. BELEZA, Jorge. Porto: Vuia Óptima, 2005; 157 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: OUT-GEN OUT-GEN-EST HUX

HUXLEY, Aldous. ALEMAGNA, Beatrice – *Os dois corvos*. trad. GOMES, Luísa Costa. Lisboa: Publ. Dom Quixote, 2005; 26 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

Cota: I-LIT COM HUX

HUXLEY, Aldous - *A arte de ver*. trad. NAHODIL, Lumir. Lisboa: Paz, 1998; 182 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: S&B SAL HUX

HUXLEY, Aldous – *Admirável Mundo Novo*. trad. LEIRIA, Mário Henrique. Lisboa: Círculo de Leitores, 1977. 225 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 16228

HUXLEY, Aldous – *Também o cisne morre*. trad. SILVA, Paulo Moreira da. Lisboa: Livros do Brasil, [196?]. 302 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 283

HUXLEY, Aldous – *Férias em Crome*. trad. MONJARDINO, João. RODRIGUES, Armindo. Lisboa: Livros do Brasil, [196?]. 259 p.

Local: Biblioteca Operária Oeirense; Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: BOO 4620; DEP 16229, 3821

HUXLEY, Aldous – *Geração Perdida*. trad. CASTRO, Moacyr Werneck. Lisboa: Livros do Brasil, [196?]. 260 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST HUX; DEP 22666

HUXLEY, Aldous - *Contraponto*. trad. VERISSIMO, Érico. Lisboa: Livros do Brasil, [196?]. 466 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST HUX; DEP 117

HUXLEY, Aldous – *O tempo de parar*. trad. MATOS, Abigail Cerqueira de. Lisboa: Livros do Brasil, [196?]. 317 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST HUX

HUXLEY, Aldous – *O grande problema*. trad. MOTTA, Virgínia. Lisboa: Livros do Brasil, [196?]. 348 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST HUX

HUXLEY, Aldous – Os melhores contos de Aldous Huxley. sel. trad. JESUS, Maria. LOPES, A. Serra. Lisboa: Arcádia, imp. 1961. 205 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: C&N COM-NOV-EST HUX

HUXLEY, Aldous – *A Ilha*. trad. MOTTA, Virgínia. Lisboa: Livros do Brasil, 1962. 358 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST HUX; DEP 3823

HUXLEY, Aldous – *Sem olhos em Gaza*. trad. REIS, V. de Miranda. Lisboa: Livros do Brasil, [195?]. 365 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: ROM ROM-EST HUX; DEP 3820

HUXLEY, Aldous – *Cura de repouso*. trad. SIMÕES, João Gaspar. Lisboa: Inquérito, [195?]. 249 p.

Local: Biblioteca Operária Oeirense, Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: BOO 1637; C&N COM-NOV-EST HUX

HUXLEY, Aldous – *Regresso ao Admirável Mundo Novo*. trad. FERNANDES, Rogério. Lisboa: Livros do Brasil, cop. 1959. 244 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

Cota: OUT-GEN OUTR-GEN-EST; DEP 10958

HUXLEY, Aldous – *Duas ou três graças*. trad. BABO, Carlos. Lisboa: Sirius, cop. 1941. 176 p.

Local: Biblioteca Operária Oeirense

Cota: BOO 1001

HUXLEY, Aldous – *Temps futurs*. trad. CASTIER, Jules. Paris: Liv. Plon, 1949. 245 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 4571

HUXLEY, Aldous – *Admirável Mundo Novo*. trad. LEIRIA, Mário Henrique. Lisboa: Livros do Brasil, cop. 1932. 269 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés, Oeiras e Carnaxide

Cota: ROM ROM-EST HUX; DEP 14956

HUXLEY, Aldous – *Duas ou três Graças*. trad. QUINTANA, Mário. Lisboa: Editores Associados, cop. 1926. 194 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE; DEP 11174

HUXLEY, Aldous – *Sobre a democracia e outros estudos*. trad. RIBEIRO, Luís Vianna de Sousa. Lisboa: Livros do Brasil, cop. 1927. 246 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

Cota: PEN-POL POL HUX

2. Obras consultadas

IÁÑEZ, Eduardo - *História da Literatura. Literatura contemporânea até 1945*. trad. SOARES, Fernandes. Vol. 8. Lisboa: Planeta Editora, 1999.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: CRI-LIT HIS-LIT IAN

PESSOA, Fernando – *Poesia de Álvaro de Campos*. col. MOURA, Vasco Graça. Lisboa: Editora Planeta DeAgostini, S.A, 2002.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: POE POE-POR PES

ARENDT, Hannah – *As origens do totalitarismo*. trad. RAPOSO, Roberto. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: PEN-POL REG-POL ARE

LLOSA, Mario Vargas – *A civilização do espetáculo*. trad. RODRIGUEZ, Cristina. GUERRA, Artur. Lisboa: Quetzal, 2012.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: HIS-CUL HIS-CUL VAR

BAUDRILLARD, Jean – *A sociedade de consumo*. trad. MORÃO, Artur. Lisboa: Edições 70, 1975.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 323

3. Bibliografia Complementar

FERNANDES, Ângela Maria Valadas – *A ideia de humanidade na literatura do início do séc XX: Huxley, Malraux, Gómez de la Serna*. Lisboa: Tinta-da-china, 2013. 269 p.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de – *A ficção distópica de Huxley e Orwell*. São José de Rio Preto: UNESP, 2011. 149 p.

SION, Ronald T. – *Aldous Huxley and the search for meaning: a study of eleven novels*. Jefferson: Mcfarland, 2010. 231 p.

BLOMM, Harold – *Aldous Huxley's Brave New World*. Broomail: Chelsea House, 1996. 63 p.

PEREIRA, Augusto Mota da Costa – *Aldous Huxley: Island: a terceira possibilidade dada ao selvagem*. [s.n.], 1961. 369 p.

GREENBLATT, Stephen – *Three modern satirists: Waugh, Orwell and Huxley*. New Haven: Yale University, cop., 1965. 125 p.

MOURA, Alda Pereira de – *O Moderno Humanismo Científico de Aldous Huxley*. Lisboa: [s.n.], 1961. 137 p.

SELECÇÃO DE WEBSITES

<http://www.ilovelibraries.org/booklovers/bookclub/bookclub>

<http://www.readinggroupguides.com/reviews/brave-new-world-0>

http://britjunkie.edublogs.org/files/2008/11/brave_new_world_enotes.pdf

<http://www.ala.org/bbooks/frequentlychallengedbooks/top10>

<http://www.educ.fc.ul.pt/opombo/apontamentos/sexuloxx.htm>

Ficha técnica

Projeto

Câmara Municipal de Oeiras

Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação

Guião de Leitura

Capa: GC – Gabinete de Comunicação | Vera Alves

Elaboração: DBDI | Biblioteca Municipal de Oeiras | Ana Paula Jardim